

Alferes, V. R. (2004). Sexualidade e psicologia social. *Psychologica, No. Extra-Série*, 585-599.



## Sexualidade e Psicologia Social\*

585

Valentim Rodrigues Alferes\*\*

### RESUMO

Depois de situar historicamente o estudo da sexualidade e de criticar as teorias clássicas do impulso, este artigo conceptualiza os comportamentos sexuais numa perspectiva psicossocial, procedendo à articulação de três níveis explicativos: *encenações culturais*, *scripts interpessoais* e *scripts intrapsíquicos*. Na secção final, discutem-se os modelos gerais do comportamento subjacentes ao estudo da sexualidade e insiste-se no *duplo papel dos scripts sexuais*: mediação entre estímulos e respostas e definição social das situações sexuais.

PALAVRAS-CHAVE: Scripts sexuais; Comportamentos sexuais; Sexualidade.

Em 1935, no primeiro *Tratado de Psicologia Social*, publicado sob a direcção de Carl Murchison, Catherine Miles assina um extenso capítulo intitulado "Sex in Social Psychology". Para além da revisão exaustiva das diferenças fisiológicas, cognitivas e sócio-emocionais associadas à *variável sexo*, a autora debruça-se sobre o comportamento sexual nos domínios da "vida social do indivíduo" e da "vida comunitária" e articula, de modo explícito, as formas e conteúdos culturais com o género e a sexualidade dos seres humanos que os produzem<sup>1</sup>.

\* Em 1976/77, ano em que se iniciou o primeiro curso de Licenciatura em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, o Doutor Manuel Viegas Abreu foi meu Professor de *Temas de Psicologia Experimental*; de 1980/81 a 1990/91, fui seu colaborador na leccionação das disciplinas de *Temas de Psicologia Experimental* e de *Teorias da Motivação e da Personalidade*. Como aluno, monitor, assistente estagiário e assistente, o Doutor Manuel Viegas Abreu deu-me oportunidade de aprender o mais importante da vida académica: o rigor, o prazer da discussão, a independência e a tolerância.

Era minha intenção publicar neste volume de homenagem o texto integral da *lição-síntese* da disciplina de *Psicologia Social*, apresentada e defendida no âmbito das provas de Agregação em Psicologia, que realizei, na Universidade de Coimbra, em 29 e 30 de Abril de 2002. Contudo, por limitações de natureza editorial, reproduzo apenas a primeira das três secções da mesma lição.

\*\* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Enviar correspondência relativa a este artigo para [valferes@fpce.uc.pt](mailto:valferes@fpce.uc.pt)

<sup>1</sup> "Modern man has his art, music, and poetry of word or movement, his laws, morals, and 'good breeding,' his literature, science, and technique for discovery and control of that which will enrich experience. To these and our other cultural modes sex is related in a three-fold way: first, because the human beings who create them are characterized by sex so that both their sexuality and their male or female attributes influence the culture which they build; secondly, cultural products may serve as the

À semelhança do que aconteceu com outras áreas de investigação (Farr, 1996), a sexualidade, enquanto objecto específico de análise, não veio a ocupar um lugar semelhante nas sucessivas edições do *Tratado de Psicologia Social* de Lindzey (1954; Gilbert, Fiske & Lindzey, 1998; Lindzey & Aronson, 1968-1969, 1985). Excluindo possíveis razões de natureza ideológica e de prestígio científico<sup>2</sup>, a marginalidade da sexualidade face às problemáticas nucleares da psicologia social e das ciências sociais em geral deve-se, em primeiro lugar, à persistência dos pressupostos biológicos na explicação do comportamento e desenvolvimento sexuais<sup>3</sup>.

Com efeito, de Krafft-Ebing (1886) a Freud (1905/1962, 1915/1968), de Ellis (1896-1928/1936) a Kinsey et al. (1948, 1953) ou de Reich (1927/1977) a Masters e Johnson (1966, 1970), o denominador comum é a importância dos factores biológicos na determinação das condutas sexuais. Determinação no duplo sentido da filogénese (reprodução da espécie) e do controlo imediato do comportamento (a actividade sexual como expressão dos estados fisiológicos internos). Na primeira sexologia, a sexualidade subordina-se à reprodução biológica. Para Krafft-Ebing, tudo o que ultrapassa o coito heterossexual reprodutivo é visto como transgressão à ordem natural. Na psicanálise, as transformações da puberdade, conduzindo ao primado da genitalidade, colocam, finalmente, o prazer ao serviço da reprodução (Freud, 1905/1962). Na sexologia moderna, o relativo desinteresse pela problemática evolutiva é compensado pela insistência nos mecanismos anátomo-fisiológicos e neuro-hormonais subjacentes aos comportamentos sexuais<sup>4</sup>.

---

direct vehicles of sex expression, as forms of display in selective sex competition or as gifts of devotion or of love; thirdly, they may form outlets for thwarted love, as conscious or indirect sublimations of love energy." (Miles, 1935, p. 781).

<sup>2</sup> Dentro de uma comunidade científica, existe uma hierarquia dos objectos de estudo, através da qual se torna "legítimo" excluir aqueles que optem pela investigação de problemas ou assuntos "menos dignos". Como nota Bourdieu (1980), sublinhando ao mesmo tempo as vantagens científicas de estudar "objectos cientificamente indignos": "Un des objets les plus importants de la sociologie de la connaissance serait la hiérarchie des objets de recherche: un des biais par lesquels s'exercent les censures sociales est précisément cette hiérarchie des objets considérés comme dignes ou indignes d'être étudiés" (p. 196).

<sup>3</sup> O estudo da sexualidade humana tem sido polarizado em torno da dicotomia instinto/norma (Foucault, 1982/1985). Por um lado, os comportamentos sexuais são analisados numa perspectiva psicobiológica, prisioneira da sexualidade natural e dos mecanismos filogenéticos que lhe dão forma: o sexo, tal como a fome ou a sede, constitui uma necessidade biológica, uma função corporal geneticamente condicionada, produto de um processo evolutivo determinável e determinante. Por outro lado, as perspectivas estritamente antropológicas e/ou sociológicas, ao insistirem excessivamente nas regularidades normativas, associadas às infra-estruturas familiares e sociais, ignoram o papel do sujeito na gestão que faz das suas experiências e do seu corpo e na significação que atribui aos seus comportamentos (Alferes, 1987).

<sup>4</sup> Se quisermos periodizar a ciência do sexo, temos que concordar com Béjin (1982) apontando para dois momentos instituintes. O primeiro corresponde à sexologia da segunda metade do século XIX. O segundo, que dá origem à sexologia contemporânea, ter-se-ia iniciado com Reich e Kinsey: "Je situerais la naissance de la seconde sexologie, c'est-à-dire de la sexologie actuelle, dans les trois décennies qui ont suivi la Première Guerre mondiale, disons entre 1922 et 1948: c'est en 1922 que Wilhelm Reich découvre ce qu'il appelle la vraie 'nature de la puissance orgastique'; en 1948, paraît le premier des deux grands ouvrages de Kinsey. La sexologie circonscrit et définit, en ce quart de siècle, son problème central: l'orgasme" (p. 198). O lugar da psicanálise na história da sexologia é, no mínimo,

Em síntese, o *sexo como reprodução*, a *anatomia como destino*<sup>5</sup> ou a *fisiologia como regra* dominaram, sucessivamente, o discurso da sexologia, esse “novo saber” que desde os meados do século XIX se veio a constituir na confluência da biologia da reprodução e da medicina do sexo (Foucault, 1976). É esta “crença na inteligibilidade biológica” e a correlativa naturalização do sexo que — de acordo com Gagnon e Simon (1973) — constituiu a principal razão do desinteresse histórico das ciências sociais e psicológicas pela sexualidade humana e, *a fortiori*, da exclusão do sujeito da problemática que a especifica.

O processo de naturalização da sexualidade passa pelo recurso a um conceito-chave de natureza motivacional: o conceito de *necessidade*, *instinto*, *impulso* ou *pulsão*. É este conceito, nas suas múltiplas versões, que permite conceptualizar a incidência da biologia no comportamento. A *pulsão* freudiana, definida como “conceito-limite entre o psíquico e o somático” e representando a “medida da exigência de trabalho que é imposta ao psiquismo em consequência da sua ligação ao corpo” (Freud, 1915/1968, p. 18), surge-nos como a primeira formulação coerente do sexo como necessidade: o organismo não pode fugir às excitações internas, que se manifestam de forma constante e reclamam, com carácter de urgência, a canalização para um qualquer objecto exterior. A “economia sexual” de Reich ou a noção de *descarga sexual* em Kinsey não modificam substancialmente a concepção energético-motivacional da sexualidade humana.

É esta mesma concepção que está presente em três dos “textos fundadores” da psicologia social: em 1908, McDougall, sublinha a extraordinária “violência da excitação emocional” que acompanha o instinto sexual<sup>6</sup>; no mesmo ano, Ross, ao discutir os aspectos convencionais da imitação, congratula-se com a autodomesticação do sexo<sup>7</sup>; por seu vez, Floyd Allport (1924), dezasseis anos depois, na sua não menos célebre *Social*

---

ambíguo: pretende-se, simultaneamente, um discurso fundador e uma palavra libertadora de uma sexualidade miseravelmente sacrificada por vinte séculos de cristianismo. Ora, não só Freud não inaugurou o discurso científico sobre a sexualidade, como a própria psicanálise, longe de constituir a matriz desse discurso, se apresenta como uma das variantes da medicina do sexo da segunda metade do século XIX. Para uma discussão da evolução do pensamento sexológico, da naturalização da sexualidade e das implicações deste processo no domínio do desenvolvimento sexual, cf. Alferes (1997, pp. 23-32).

<sup>5</sup> Como referem criticamente Bruckner e Finkielkraut (1977/1981) a propósito da psicanálise, “hoje já não se diz ‘a anatomia é o destino’, mas, melhor, ‘a anatomia do homem é o destino sexual da mulher’” (p. 8).

<sup>6</sup> McDougall (1908), depois de enumerar aquilo que considera os sete principais instintos (*flight*, *repulsion*, *curiosity*, *pugnacity*, *self-abasement*, *self-assertion* e *parental instinct*) e as emoções correlativas (*fear*, *disgust*, *wonder*, *anger*, *subjection*, *elation* e *tender emotion*), debruça-se sobre outros instintos menos importantes para a génese das emoções, mas “de grande importância social”: “Of these [instincts] the most important is the sexual instinct or instinct of reproduction. It is unnecessary to say anything of the great strength of its impulse or of the violence of the emotional excitement that accompanies its exercise.” (p. 82).

<sup>7</sup> “The appetites differ in infectiousness. Were it not that the taking of stimulants is everywhere more of a social act than the taking of food, one might conclude that thirst spreads more rapidly than hunger. [...] In any case the sex appetite is more vibrant and suggestible than either of the others. [...] Lust is a monster that can be lulled to sleep only with infinite difficulty, whereas a pin prick, a single staccato note is enough to arouse. *The ordered sex relation is, perhaps, man’s greatest achievement in self-domestication.*” (Ross, 1908, pp. 125-126, sublinhados nossos).

*Psychology*, faz da distensão gradual das vesículas seminais o estímulo ou excitante interno do comportamento sexual masculino e preocupa-se com a “precocidade” do impulso sexual resultante do défice dos mecanismos familiares de socialização<sup>8</sup>.

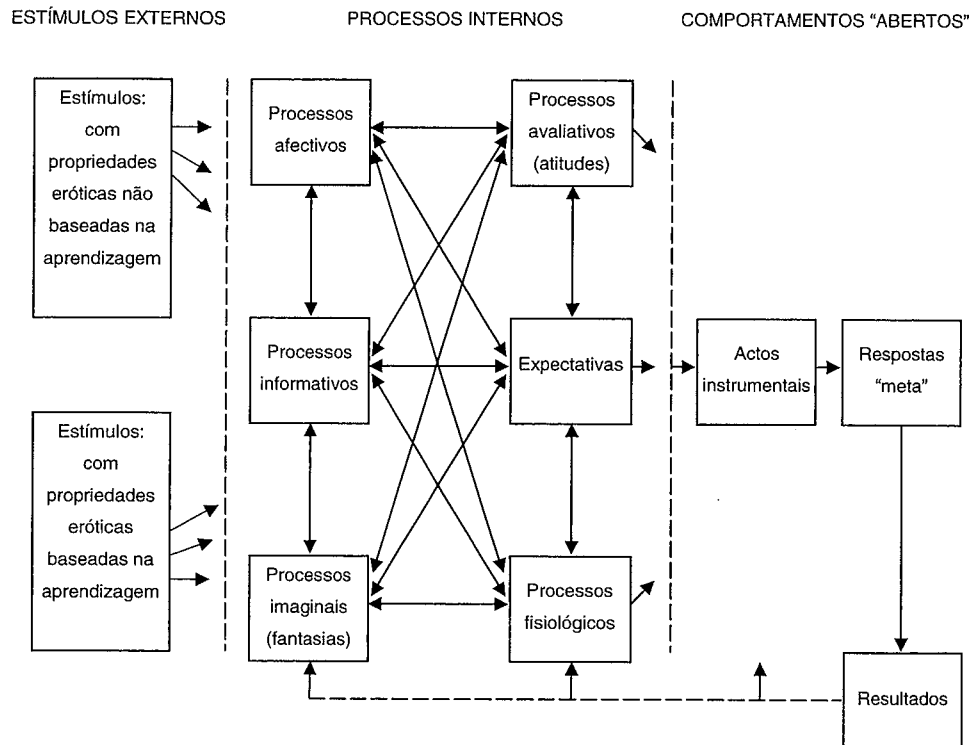


Figura 1 – A sequência do comportamento sexual [Fonte: Byrne, 1986, p. 8].

Se ignorarmos referências genéricas ou trabalhos periféricos, a psicologia social volta a interessar-se pela problemática da sexualidade no início dos anos 70, em articulação com o estudo da atracção interpessoal. Pode considerar-se como marco decisivo o artigo de Byrne, “Social Psychology and the Study of Sexual Behavior”, publicado, em 1977, no *Personality and Social Psychology Bulletin*. Contudo, no final dos anos 80, Berscheid (1988) ainda alertava os investigadores que continuavam a discutir o amor romântico sem mencionar o seu principal ingrediente: a activação e desejo sexuais.

<sup>8</sup> “The original stimulus for sex response is not, as is popularly supposed, an individual of the opposite sex. It is rather an internal excitant. In the male it is the gradual distention of the seminal vesicles, a condition requiring a fairly periodic discharge of their contents” (Allport, 1924, p. 69). No capítulo final, onde trata das relações entre o comportamento social e a sociedade, surgem as preocupações com a precocidade do impulso sexual: “the sex drive, unconditioned by the restraints of culture, and abetted by the direct example of nature, becomes too precocious in its expression.” (Allport, 1924, p. 386).

De modo resumido, Byrne (1977) — que desde o início dos anos 60 vinha desenvolvendo um programa de investigação sistemática sobre os efeitos da semelhança atitudinal na atracção interpessoal — reconceptualiza o modelo fisiológico da actividade sexual de Master e Johnson (1966), colocando a tónica na diversidade das condições de estimulação externa e no papel desempenhado pela imaginação na activação sexual. Neste contexto, uma sequência de comportamento sexual é descrita como um conjunto de reacções fisiológicas e comportamentos manifestos, regulados pelos respectivos resultados, mediatizados por processos internos, que sustentam e modulam a activação sexual, e, tendencialmente, desencadeados por condições externas de estimulação (Byrne, 1977, 1986; Przybyla & Byrne, 1981). O esquema apresentado na *Figura 1* refere-se a uma sequência comportamental individual, aplicando-se, como tal, a actividades auto-eróticas. O estudo das relações sexuais entre dois indivíduos exige, obviamente, a articulação de duas sequências comportamentais.

#### Das encenações culturais às experiências sexuais

O trabalho pioneiro de Byrne (1977), em particular a explicitação e articulação dos processos psicológicos internos que mediatizam e regulam a actividade sexual, é, contudo, posterior à verdadeira ruptura com as tradições freudiana e kinseyana e com os modelos energético-motivacionais subjacentes. Com efeito, a reintrodução da dimensão social no estudo da sexualidade deve-se, em primeiro lugar, a Gagnon e Simon, que publicam, em 1973, *Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality*. De acordo com os autores, todas as actividades sexuais, independentemente da sua natureza e do tipo de avaliações normativas que possam suscitar, devem ser conceptualizadas como o resultado de um processo de construção psicossocial, em função do qual os comportamentos mais elementares, a começar pelos que definem as dimensões estritamente físicas ou fisiológicas da sexualidade, se tornam significativos<sup>9</sup>.

Situando-se na tradição do interaccionismo simbólico, Gagnon e Simon (1973; Gagnon, 1977, 1990, 1999; Simon, 1996, 1999; Simon & Gagnon, 1986, 1987) recusam o modelo do *instinto ou impulso (drive)* e introduzem o conceito de *script sexual*. No interior de uma dada cultura, os *scripts sexuais* especificam: a) *quem* são os possíveis parceiros sexuais; b) em que circunstâncias — *onde e quando* — é apropriado comportarmo-nos sexualmente e que tipo de actividades — *o quê e como* — nos são “permitidas”; c) quais os motivos ou razões — *porquê* — que nos levam a comportar de modo sexual. Por outras palavras, enquanto significações partilhadas pelos actores sociais, os *scripts* organizam os comportamentos sexuais, definindo as situações de interacção, gerando expectativas relacionais e sinalizando as respostas “incongruentes”. A importância dos *scripts* na regulação dos comportamentos sexuais pode ser perspectivada a três níveis distintos: *cultural, interpessoal e intrapessoal*.

---

<sup>9</sup> “Our concern here is to understand sexual activities of all kinds (however defined, good or evil, deviant or conforming, normal or pathological, criminal or noncriminal) as the outcome of a complex psychosocial process of development, and it is only because they are embedded in social scripts that the physical acts themselves become possible” (Gagnon & Simon, 1973, p. 9).

**Encenações culturais.** Num primeiro nível — *encenações culturais* — encontramos “os guias gerais” da acção, tal como se expressam no plano das significações e normas colectivas. De modo genérico, podemos afirmar que as estruturas sociais, ou, mais exactamente, as modalidades concretas de organização social, “interferem” na sexualidade em três planos distintos. Em primeiro lugar, integrando-a nos sistemas de aliança e parentesco. Em segundo lugar, inscrevendo-a no circuito das trocas económicas. Em terceiro e último lugar, situando-a nos registos da comunicação simbólica e da ordenação jurídico-política das sociedades. Como denominador comum a estes três planos surge-nos a *instituição familiar*, enquanto resultado de mecanismos preferenciais de aliança, unidade de consumo e instância de socialização e educação.

Para além da dimensão estrutural, o impacte das instituições na sexualidade traduz-se nas *orientações normativas* ou *ideologias* que veiculam. DeLamater (1987) sublinha o papel das ideologias sexuais ligadas, directa ou indirectamente, a quatro grandes instituições sociais: a *religião*, a *família*, a *economia* e a *medicina*. De modo mais específico, o controlo social da sexualidade resulta da interacção entre as características estruturais das instituições e as respectivas ideologias, traduzindo-se “na provisão de um número limitado de encenações culturais” (DeLamater, 1987, p. 238).

Assim, o “ascetismo” e o “sexo procriativo” contar-se-iam entre as duas grandes orientações emergentes da tradição judaico-cristã. O “sexo como prestação de serviços” funciona, obviamente, no quadro global das trocas económicas. A “orientação relacional”, baseada na conjugação do afecto e do sexo, é o produto histórico das transformações da família ocidental, nomeadamente daquelas que se repercutiram directamente nos critérios de escolha do cônjuge<sup>10</sup>. Da medicina, ou se se quiser da moderna sexologia, surgem “orientações terapêuticas” que incorporam a dimensão lúdica ou recreativa da sexualidade.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, no espaço de poucas décadas, os processos de controlo de natureza pedagógica tomaram progressivamente o lugar dos mecanismos jurídico-normativos. Diga-se, de passagem, que a pedagogização da sexualidade é generalizada: da escola aos mais diversos meios de comunicação social, das acções educativas de tipo religioso às próprias práticas médicas e psicológicas (Alferes, 1996). Obras de grande sucesso como as de Comfort (1972/1985, 1991/1992), para não falar das centenas de enciclopédias e manuais destinados a pais e educadores, situam-se neste mesmo registo pedagógico.

Como é óbvio, a simples mudança de estratégias de controlo não se retraduz directamente em novas “encenações culturais do sexo”. Como notam lucidamente

---

<sup>10</sup> À medida que passamos das estruturas elementares às estruturas complexas de parentesco e, dentro destas, à medida que passamos das sociedades pré-industriais às sociedades contemporâneas, a escolha do cônjuge depende cada vez mais de factores de natureza psicossocial. Numa situação limite, a selecção de parceiros sexuais/amorosos dependeria exclusivamente do desejo, da paixão e da dinâmica da atracção interpessoal. Tal situação corresponderia ao triunfo completo do modelo do “amor romântico”, que conjugaria numa mesma relação as funções sócio-económicas do casamento e as funções erótico-afectivas da sexualidade. De acordo com os historiadores da família (Anderson, 1980; Flandrin, 1981; Shorter, 1975), a emergência deste modelo nas sociedades ocidentais remonta ao século XVI, ainda que a sua generalização através dos grupos e classes sociais se tenha prolongado até aos nossos dias.



Bruckner e Finkielrault (1977/1981) e Szasz (1980), não foi a dimensão educativa das modernas terapias sexuais que as impediu de continuarem a reproduzir valores sexuais conformes às orientações conjugais dominantes. A persistência destas orientações é particularmente visível nos “modos de gestão pedagógica do medo” associados às mais diversas políticas de prevenção da SIDA. Markova e Wilkie (1987), num interessante paralelo entre os fenómenos de representação social da sífilis e da SIDA, assinalam que “a posição moralista, tanto na luta contra a sífilis no início deste século, como na luta contra a SIDA nos nossos dias, tem sido a de que a resposta para o problema é a castidade e a monogamia” (p. 404).

Apesar de tudo, do ponto de vista em que nos situamos, o importante a reter na modificação dos processos de controlo social da sexualidade é a diminuição crescente do peso das grandes encenações culturais e a conseqüente abertura para a encenação pessoal do desejo sexual (Simon & Gagnon, 1986, 1987; Simon, 1996).

**Scripts interpessoais.** Num segundo nível — *scripts interpessoais* — a sexualidade é perspectivada em função das respostas concretas dos actores sociais às expectativas normativas decorrentes das encenações culturais. No quadro das interacções sociais, os indivíduos procuram, reciprocamente, articular os seus desejos e planos sexuais. Esta tarefa é facilitada pela existência de scripts partilhados que reduzem a incerteza relativa aos comportamentos a desenvolver numa situação concreta. Para os actores em presença, os scripts interpessoais constituem a interpretação comum e contextualizada das encenações culturais pertinentes. Simon e Gagnon (1987) definem os *scripts interpessoais* como “as representações do eu e das ‘imagens implícitas’ do(s) outro(s) que facilitam a ocorrência de trocas sexuais” (p. 365).

Como já afirmámos, no interior de uma dada sociedade, o número de encenações culturais da sexualidade é relativamente restrito, o mesmo acontecendo com as grandes orientações ou ideologias que lhes estão subjacentes. Nass, Libby e Fisher (1981) consideram cinco tipos principais de scripts: o “script religioso tradicional”, o “script romântico”, o “script das relações sexuais baseadas na amizade”, o “script da infidelidade ocasional” e o “script utilitário/predador”. Forgas e Dobosz (1980) analisaram as representações de 25 episódios interpessoais heterossexuais (v.g., um *flirt* sem conseqüências durante uma festa de amigos, uma situação de infidelidade, um casamento de 30 anos, etc.) e chegaram à conclusão que os sujeitos classificam os *scripts interpessoais* em função de três dimensões: *sexualidade* (sexo físico vs. mero envolvimento afectivo), *valoração e equilíbrio das relações* (relações frustrantes vs. satisfatórias; relações simétricas vs. desiguais) e *amor e compromisso* (relações efémeras vs. relações duradouras).

A comunicação representa um dos aspectos centrais nos scripts interpessoais, uma vez que é através dela que “um encontro sexual potencial se transforma numa troca sexual explícita” (Simon & Gagnon, 1987, p. 366). Em contextos estandardizados, o problema da comunicação é relativamente menor e os scripts transformam-se em simples rotinas de interacção (Goffman, 1967). Contudo, em situações menos convencionais, a própria “entrada num script sexual” é objecto de negociação ao nível da atribuição de significações e da confirmação das identidades sociais e sexuais.

Numa perspectiva naturalista, a transformação de um encontro ou de uma situação de interacção numa troca sexual explícita daria lugar à “sequência normal da resposta sexual humana”. Contudo, ainda aqui, e para além das encenações privadas do desejo, o

comportamento continua a ser regulado pelos scripts interpessoais relevantes, que incluem esboços mais ou menos precisos das “técnicas eróticas” apropriadas e representações sociais do desenrolar do próprio acto sexual, sem esquecer que as *performances* são referidas aos critérios de validação das “aparências” e identidade social dos actores. Harré (1981) distingue claramente entre os “projectos práticos” (v.g., ter relações sexuais) e os “projectos expressivos” (v.g., confirmação da identidade) das trocas sexuais. Estes últimos ocorrem inevitavelmente num contexto simbólico e, ao contrário dos “automatismos”, são governados por regras.

**Scripts intrapsíquicos.** Por último, há que considerar o nível *intrapsíquico* dos scripts. Ainda de acordo com Simon e Gagnon (1987), enquanto os scripts interpessoais facilitam a ocorrência de comportamentos sexuais, os *scripts intrapsíquicos* constituem uma *encenação privada do desejo* e referem-se à “sequência de significações (ligadas a actos, posturas, objectos, gestos) que induz e mantém a activação sexual, conduzindo eventualmente ao orgasmo” (p. 366). Os scripts intrapsíquicos dizem, pois, respeito à ligação entre fantasias e actividades sexuais, à articulação entre imaginário e comportamento. São verdadeiros “mapas amorosos” personalizados (Money, 1988).

Na sua definição clássica de psicologia social, Gordon Allport (1968) sublinhava que, nas interacções humanas, o “outro” pode ser real, implícito ou imaginário. Os *processos imaginais* e as *fantasias sexuais* contam-se, efectivamente, entre os principais componentes da sexualidade humana. Ao contrário do que Freud (1908/1962) afirmava, as fantasias não são necessariamente um substituto das actividades sexuais. De acordo com diversas investigações (Giambra & Martin, 1977; Wilson, 1978), existe uma correlação positiva entre o número e a diversidade de fantasias e a frequência de actividades sexuais. Além disso, as fantasias sexuais não estão associadas a dificuldades no funcionamento sexual, nem a perturbações de personalidade (Hariton & Singer, 1974). Pelo contrário, parece existir uma relação positiva entre a quantidade de fantasias e certos traços de personalidade, como a criatividade (Hariton & Singer, 1974) e a independência (Brown & Hart, 1977). Para além da diversidade de conteúdos e de eventuais diferenças ligadas ao sexo (Arndt, Foehl & Good, 1985; Wilson, 1978); as fantasias funcionam como estímulos (internos) desencadeadores das actividades sexuais, desempenhando, igualmente, um papel preponderante na manutenção da excitação no decurso dessas mesmas actividades (Sue, 1979).

É ao nível dos processos imaginais e das fantasias, i.e., do modo como o sexo é organizado pelos scripts intrapsíquicos, que podemos dar conta do carácter inovador das práticas individuais. A inovação depende, obviamente, da margem de liberdade que é dada aos sujeitos pelas codificações culturais e interpessoais da sexualidade. Como já referimos, esta margem tende a alargar-se à medida que diminui a eficácia dos processos simbólicos e se dilui o carácter imperativo das normas sociais.

### Scripts sexuais e modelos do comportamento

No número inaugural da *Annual Review of Sex Research*, Gagnon (1990), ao discutir os usos explícitos e implícitos do conceito de script sexual, resume a sua perspectiva em três pontos essenciais:

- a) a conduta sexual envolve um esquema [*schema*] cognitivo organizado (ao qual chama-

- mos script) necessário para que os actores reconheçam que a situação é potencialmente uma situação sexual;
- b) este reconhecimento envolve uma interacção complexa entre a pessoa e o contexto, mais do que uma resposta simples a signos sexuais universais;
  - c) a conduta sexual é induzida pelo contexto, mais do que impulsionada por estados internos<sup>11</sup> (é negociada, mais do que automática ou impulsionada) (p. 6).

O papel dos scripts na definição das situações e na determinação do significado erótico das condições de estimulação é congruente com o esquema cognitivista O-E-O-R (*Organismo — Estímulo — Organismo — Resposta*) dominante na psicologia social contemporânea (Markus & Zajonc, 1985; Vala, 2000). Em rigor, o modelo de Byrne (1977, 1986), a que aludimos na introdução, constitui uma versão do esquema clássico E-O-R (*Estímulo — Organismo — Resposta*), que consideramos insuficiente para dar conta da especificidade da conduta sexual humana.

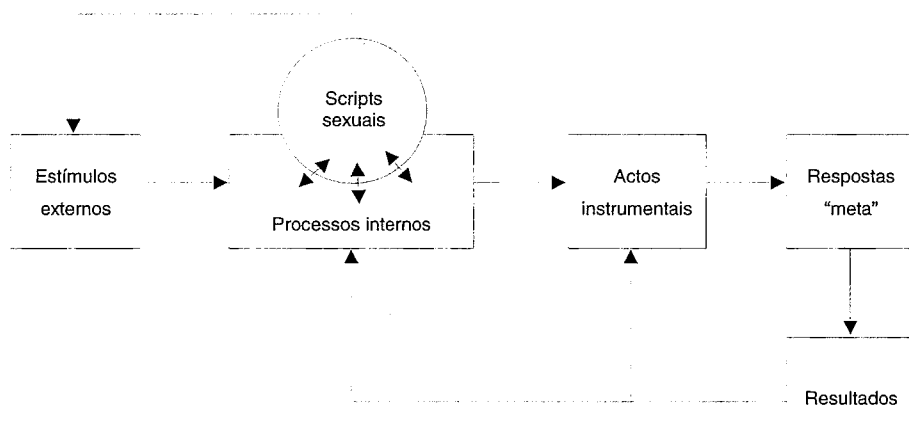


Figura 2 – O papel dos scripts sexuais na sequência do comportamento sexual  
[Fonte: Alferes, 1997, p. 71].

Com efeito, se não existem dúvidas em relação ao significado de “O” enquanto instância de mediação, o mesmo já não se pode dizer da função das estruturas internas na determinação do sentido e na selecção dos estímulos sexuais externos. Neste contexto, o esquema de Byrne (1977, 1986) deveria ser modificado de molde a evidenciar o papel dos scripts sexuais e dos processos internos correlativos na definição das situações de estimulação e, igualmente, na produção de respostas significativas para o sujeito (cf.

<sup>11</sup> Contrariamente a Floyd Allport (cf. nota 8), Beach (1956) recusa o modelo do impulso sexual, associado à concepção homeostática do comportamento: “o que é geralmente confundido com um impulso primário associado à deprivação sexual é, na realidade, apetite sexual, o qual tem pouca ou nenhuma relação com as necessidades biológicas ou fisiológicas” (p. 4).

Figura 2). Este papel é virtualmente idêntico ao atribuído por Moscovici (1984) às representações sociais, que “determinam quer o carácter do estímulo, quer o da resposta que ele induz, tal como, numa situação particular, determinam qual é qual” (p. 61). À semelhança das representações sociais, os *scripts* referem-se a *modalidades de conhecimento prático, socialmente elaboradas e partilhadas, constituindo, simultaneamente, sistemas de interpretação e de categorização do real e modelos ou guias de acção*. De modo mais específico, os *scripts* são estruturas cognitivas que “organizam a compreensão das situações baseadas em acontecimentos”, incluindo expectativas sobre a respectiva ordem de ocorrência (Abelson, 1981, p. 717).

Esta definição aplica-se, com propriedade, aos *scripts* interpessoais. As encenações culturais situam-se, obviamente, no plano mais genérico dos valores, das normas e dos modelos de conduta — se se quiser, no plano das ideologias, das crenças generalizadas e das representações sociais. Numa concepção dinâmica dos três níveis dos *scripts*, Gagnon (1990) reserva uma função específica aos *scripts* intrapsíquicos: são eles que constituem a verdadeira *interface* entre encenações culturais e *scripts* interpessoais. Na ligação entre *cultura* e *vida mental*, pelo papel crítico do indivíduo na recepção e revisão dos “materiais culturais importados”; na ligação entre *interacção* e *vida mental*, pela capacidade individual de recriar e modificar os próprios padrões de interacção.

É esta explicitação que retira valor à crítica da anulação do sujeito face às “imposições” decorrentes dos *scripts*. Em última análise, os indivíduos limitar-se-iam a actualizar as opções previamente definidas, não lhes cabendo qualquer decisão sobre o modo de gestão das respectivas sexualidades. Esta argumentação só terá validade se se aceitar uma noção mecanicista de *script*, transformando-o num “programa social” fixo, análogo aos determinismos biológicos. Tal aceção de *script*, frequente em certas abordagens de cariz sociologizante, não é aquela que adoptamos. Em *primeiro lugar*, como o próprio termo indica, os *scripts* não são programas, mas guias ou esboços, necessariamente lacunares. Em *segundo lugar*, nem todo o comportamento consiste na actualização de *scripts*. Por último, os *scripts* resultam de um processo de construção que radica ele próprio nas interacções humanas, que, a par das dimensões ritualizadas, comportam elementos de inovação e mudança, eventualmente recodificados em novos *scripts*.

Tendo em conta o declínio das grandes orientações normativas e a emergência correlativa da individualidade nas sociedades contemporâneas, os sujeitos são, efectivamente, os autores de uma parte substancial do “filme” das respectivas vidas sexuais. Note-se, de passagem, que a afirmação de Gagnon (1990) segundo a qual “não existe nenhuma interface directa entre *cultura* e *interacção*”, uma vez que todos os “efeitos são mediatizados pela vida mental (ou o *intrapsíquico*)” (p. 10), afasta o modelo da mera justaposição de níveis que caracteriza os reducionismos psicológico e sociológico, colocando correctamente — na boa tradição de Mead (1934) — a questão dos “modos de existência do social”.

Já no que diz respeito ao problema da “aquisição” e “transformação” de *scripts*, a posição de Gagnon e Simon é relativamente omissa, limitando-se à remissão para os mecanismos genéricos da aprendizagem e da socialização. Numa síntese recente das principais grelhas conceptuais no estudo da sexualidade, Weis (1998), tendo precisamente como referência os trabalhos de Gagnon e Simon, apresenta um modelo explicativo da *internalização* dos *scripts* sociais, onde recorre ao conceito de *assimilação cognitiva*

para integrar os processos dispersos do *reforço*, da *modelação*, do *ensaio* e da *simbolização*<sup>12</sup>. Trata-se, em nossa opinião, de uma perspectiva a desenvolver no sentido de maximizar a margem de testatibilidade da teoria dos scripts sexuais. Ainda neste contexto, cabe referir os trabalhos mais recentes de Byrne, centrados no estudo das diferenças individuais (Hogben & Byrne, 1998) e na análise do papel mediador das variáveis de personalidade (Byrne & Schulte, 1990). Sem cairmos no eclectismo que tem caracterizado a sexologia contemporânea, acrescentem-se as potencialidades da teoria da troca social (Baumeister & Tice, 2001; Sprecher, 1998), quando se trata de explicitar a natureza dos recursos, as relações de poder e as estratégias de sedução envolvidas nas interações sexuais.

Por último, uma crítica frequente às *teorias construtivistas* da sexualidade (entre as quais se inclui a *teoria dos scripts sexuais*) diz respeito à negação do componente biológico da sexualidade. Em particular, as concepções “essencialistas” (DeLamater & Hyde, 1998), independentemente da valorização diferencial que possam fazer de acontecimentos biológicos, psicológicos ou sociais (Levine, 1984), tomam como adquirido o próprio sentido da sexualidade. Goettsch (1989), por exemplo, critica o carácter incompleto e vago das abordagens construtivistas e define a sexualidade como:

a capacidade individual para responder a experiências físicas, as quais são capazes de produzir excitação genital corporalmente centrada, que só subsequentemente se associa a construtos cognitivos (tanto antecipatórios de novas experiências como reflectores de experiências passadas) independente das experiências físicas em curso. (p. 250)

Esta definição, na sua aparente clareza, obriga, de imediato, o autor a proceder a uma separação nítida entre sexualidade e *sexual enactment* (padrões comportamentais regulados socialmente, dramatizações culturais, etc). Reencontramos aqui, mais uma vez, o dualismo instinto (biologia)/norma (sociedade), com a inevitável exclusão do sujeito do campo da sexualidade, a não ser enquanto lugar de experiência de modificações fisiológicas.

É esta relação de exterioridade entre a cultura e o corpo que impede os “essencialistas” de perceberem o modo como as formas de “conhecimento social” interagem com a realidade biológica. Os scripts sexuais não são uma mera justaposição às modificações fisiológicas que caracterizam a actividade sexual, pela simples razão de que tais modificações só ganham sentido se configuradas pela presença real ou imaginária do motivo que as suscitou. Não vale a pena repetir que a “capacidade individual de experimentar activação sexual” é, obviamente, uma aptidão biológica necessária à reprodução<sup>13</sup>. O que queremos dizer é que a diversidade dos motivos e conteúdos da

<sup>12</sup> Tal como todos os scripts sociais, os scripts sexuais tornam-se operantes via aprendizagem. Contudo, convém assinalar que não se trata propriamente da “aquisição” de reportórios comportamentais, mas de “estruturas cognitivas”: “a diferença entre um script e um hábito é que o script é uma estrutura de conhecimento, não simplesmente um programa de resposta, e, por isso, é acessível, tanto simbolicamente, como através da experiência directa” (Abelson, 1981, p. 722).

<sup>13</sup> Note-se que o que está em jogo na análise psicossocial da sexualidade não são as potencialidades reprodutivas ou “capacidades eróticas” — que assentam inevitavelmente num corpo biológico filogeneticamente condicionado —, mas a gestão desse corpo no quadro das trocas sexuais (cf. Alferes, 1987).

sexualidade é prova da actividade cognitiva e imagética que “transforma um corpo de órgãos e orifícios limitados num campo de metáforas” inesgotáveis (Simon & Gagnon, 1987, p. 364). O significado destas metáforas é, por sua vez, indissociável dos processos simbólicos (sociais) que retraduzem ou, o que é mais importante, que transformam.

## RÉSUMÉ

### Sexualité et Psychologie Sociale

Après avoir situé historiquement l'étude de la sexualité et critiqué les théories classiques du *drive*, cet article conceptualise les comportements sexuels selon une perspective psychosociale, procédant à l'articulation de trois niveaux explicatifs: *scénarios culturels*, *scripts interpersonnels* et *scripts intrapsychiques*. Dans la section finale, on discute les modèles généraux de comportement sous-jacents à l'étude de la sexualité et on insiste sur le *double rôle des scripts sexuels*: médiation entre stimuli et réponses et définition sociale des situations sexuelles.

Mots-CLÉ: Scripts sexuels; Comportements sexuels; Sexualité.

## ABSTRACT

### Sexuality and Social Psychology

After having situated the study of sexuality in its historical context and criticizing classical drive theories, this article conceptualizes sexual behaviours in a social psychological perspective, connecting three levels of explanation: *cultural scenarios*, *interpersonal scripts*, and *intrapsychic scripts*. In the last section, general models of behaviour underlying the study of sexuality are discussed and the *double role of sexual scripts* — the mediation between stimuli and responses and the social definition of sexual situations — is strongly emphasized.

KEY-WORDS: Sexual scripts; Sexual behaviours; Sexuality.

## BIBLIOGRAFIA

- Abelson, R. P. (1981). Psychological status of the script concept. *American Psychologist*, 36, 715-729.
- Alferes, V. R. (1987). O corpo: Regularidades discursivas, representações e patologias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 23, 211-219.
- Alferes, V. R. (1996). A pedagogização do sexo. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 30(1), 91-96.
- Alferes, V. R. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais: Para uma psicologia social da sexualidade*. Porto: Afrontamento.
- Allport, F. H. (1924). *Social psychology*. Boston: Houghton Mifflin.
- Allport, G. W. (1968). The historical background of modern social psychology. In G. Lindzey & E. Aronson (Eds.), *The handbook of social psychology: Vol. 1. Historical introduction/Systematic positions* (2nd ed., pp. 1-80). Reading, MA: Addison-Wesley.
- Anderson, M. (1980). *Approaches to the history of the Western Family 1550-1914*. London: Macmillan Press.
- Arndt, W. B., Foehl, J. C., & Good, F. L. (1985). Specific sexual fantasy themes: A multidimensional study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 472-480.
- Baumeister, R. F., & Tice, D. M. (2001). *The social dimension of sex*. Boston: Allyn & Bacon.
- Beach, F. A. (1956). Characteristics of masculine “sex drive”. In M. R. Jones (Ed.), *Nebraska Symposium on Motivation* (pp. 1-32). Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Béjin, A. (1982). Crépuscule des psychanalystes, matin des sexologues. *Communications*, 35, 198-224.

- Berscheid, E. (1988). Some comments on love's anatomy: Or, whatever happened to old-fashioned lust? In J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 359-374). New Haven: Yale University Press.
- Bourdieu, P. (1980). *Questions de sociologie*. Paris: Minuit.
- Brown, J. B., & Hart, D. H. (1977). Correlates of females' sexual fantasies. *Perceptual and Motor Skills*, 45, 819-824.
- Bruckner, P., & Finkielrault, A. (1981). *A nova desordem amorosa*. Lisboa: Dom Quixote [orig. francês: *Le nouveau désordre amoureux*. Paris: Seuil, 1977].
- Byrne, D. (1977). Social psychology and the study of sexual behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3, 3-30.
- Byrne, D. (1986). Introduction: The study of sexual behavior as a multidisciplinary venture. In D. Byrne & K. Kelley (Eds.), *Alternative approaches to the study of sexual behavior* (pp. 1-12). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Byrne, D., & Schulte, L. (1990). Personality dispositions as mediators of sexual responses. *Annual Review of Sex Research*, 1, 93-117.
- Comfort, A. (1985). *Os prazeres do sexo*. Lisboa: Círculo de Leitores [orig. inglês: *The joy of sex*. New York: Crown, 1972].
- Comfort, A. (1992). *O novo prazer do sexo*. Lisboa: Europa-América [orig. inglês: *The new joy of sex*. New York: Crown, 1991].
- DeLamater, J. (1987). A sociological approach. In J. H. Geer & W. T. O'Donohue (Eds.), *Theories of human sexuality* (pp. 237-255). New York: Plenum Press.
- DeLamater, J. D., & Hyde, J. S. (1998). Essentialism vs. social constructionism in the study of human sexuality. *The Journal of Sex Research*, 35, 10-18.
- Ellis, H. (1936). *Studies in psychology of sex* (2 vols.). New York: Randon House [1st ed.: 1896-1928].
- Farr, R. M. (1996). *The roots of modern social psychology*. Oxford: Blackwell.
- Flandrin, J.-L. (1981). *Le sexe et l'Occident: Évolution des attitudes et des comportements*. Paris: Seuil.
- Forgas, J. P., & Dobosz, B. (1980). Dimensions of romantic involvement: Towards a taxonomy of heterosexual relationships. *Social Psychology Quarterly*, 43, 290-300.
- Foucault, M. (1976). *Histoire de la sexualité: Vol. 1. La volonté de savoir*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (1985). Opción sexual y actos sexuales: Una entrevista con Michel Foucault. In G. Steiner & R. Boyers (Eds.), *Homosexualidad: Literatura y política* (pp. 16-37). Madrid: Alianza [orig. inglês: *Homosexuality: Sacrilege, vision, politics*, 1982].
- Freud, S. (1962). Creative writers and daydreaming. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 142-152). London: Hogarth [orig. alemão: *Der Dichter und das Phantasieren*, 1908].
- Freud, S. (1962). *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris: Gallimard [orig. alemão: *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, 1905].
- Freud, S. (1968). Pulsions et destins des pulsions. In *Métapsychologie* (pp. 11-44). Paris: Gallimard [orig. alemão: *Triebe und Triebchicksale*, 1915].
- Gagnon, J. H. (1977). *Human sexualities*. Glenview, IL: Scott, Foresman.
- Gagnon, J. H. (1990). The explicit and implicit use of the scripting perspective in sex research. *Annual Review of Sex Research*, 1, 1-43.
- Gagnon, J. H. (1999). Sexual conduct: As today's memory serves. *Sexualities*, 2(1), 115-126.
- Gagnon, J. H., & Simon, W. (1973). *Sexual conduct: The social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine.
- Geottsich, S. L. (1989). Clarifying basic concepts: Conceptualizing sexuality. *The Journal of Sex Research*, 26, 249-255.
- Giambra, L. M., & Martin, C. E. (1977). Sexual daydreams and quantitative aspects of sexual activity: Some relations for males across adulthood. *Archives of Sexual Behavior*, 6, 497-505.
- Gilbert, D. T., Fiske, S. T., & Lindzey, G. (Eds.). (1998). *Handbook of social psychology* (4th ed., Vols. 1-2). New York: McGraw-Hill.

- Goffman, E. (1967). *Interaction ritual: Essays on face to face behavior*. New York: Doubleday Anchor.
- Hariton, E. B., & Singer, J. L. (1974). Woman's fantasies during sexual intercourse. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 42*, 313-322.
- Harré, R. (1981). The dramaturgy of sexual relations. In M. Cook (Ed.), *The bases of human sexual attraction* (pp. 251-274). New York: Academic Press.
- Hogben, M., & Byrne, D. (1998). Using social learning theory to explain individual differences in human sexuality. *The Journal of Sex Research, 35*, 58-71.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., & Martin, C. E. (1948). *Sexual behavior in the human male*. Philadelphia: Saunders.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., Martin, C. E., & Gebhard, P. H. (1953). *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: Saunders.
- Krafft-Ebing, R. von (1965). *Psychopathia sexualis*. New York: Bell Publishing [orig. alemão: *Psychopathia sexualis*, 1886].
- Levine, S. B. (1984). An essay on the nature of sexual desire. *Journal of Sex and Marital Therapy, 10*, 84-96.
- Lindzey, G. (Ed.). (1954). *Handbook of social psychology* (1st ed., Vols. 1-2). Reading, MA: Addison-Wesley.
- Lindzey, G., Aronson, E. (Eds.). (1968-1969). *Handbook of social psychology* (2nd ed., Vols. 1-5). Reading, MA: Addison-Wesley.
- Lindzey, G., Aronson, E. (Eds.). (1985). *Handbook of social psychology* (3rd ed., Vols. 1-2). New York: Random House.
- Markova, I., & Wilkie, P. (1987). Representations, concepts and social change: The phenomenon of AIDS. *Journal for the Theory of Social Behavior, 17*, 389-409.
- Markus, H., & Zajonc, R. B. (1985). The cognitive perspective in social psychology. In G. Lindzey & E. Aronson (Eds.), *The handbook of social psychology: Vol. 1. Theory and methods* (3rd ed., pp. 137-230). Reading, MA: Random House.
- Master, W., & Johnson, V. E. (1966). *Human sexual response*. Boston: Little, Brown.
- Master, W., & Johnson, V. E. (1970). *Human sexual inadequacy*. Boston: Little, Brown.
- McDougall, W. (1908). *An introduction to social psychology*. London: Methuen.
- Mead, G. (1934). *Mind, self and society from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press.
- Miles, C. C. (1935). Sex in social psychology. In C. Murchinson (Ed.), *Handbook of social psychology* (pp. 683-797). Worcester, MA: Clark University Press.
- Money, J. (1988). *Gay, straight, and between: The sexology of erotic orientation*. Oxford: Oxford University Press.
- Moscovici, S. (1984). *The phenomenon of social representations*. In R. Farr & S. Moscovici (Eds.), *Social representations* (pp. 3-69). Cambridge: Cambridge University Press.
- Nass, G. D., Libby, R. W., & Fisher, M. P. (1981). *Sexual choices*. Monterey, CA: Wadsworth.
- Przybyla, D. P., & Byrne, D. (1981). Sexual relationships. In S. Duck & R. Gilmour (Eds.), *Personal relationships: Vol. 1. Studying personal relationships* (pp. 109-130). London: Academic Press.
- Reich, W. (1977). *Psicopatologia e sociologia da vida sexual* (2 vols.). Lisboa: Escorpião [orig. alemão: *Die Funktion des Orgasmus: Zur Psychopathologie und zur Sociologie des Geschlechtslebens*, 1927].
- Ross, E. A. (1908). *Social psychology: An outline and source book*. New York: Macmillan.
- Shorter, E. (1975). *The making of the modern family*. New York: Basic Books.
- Simon, W. (1996). *Postmodern sexualities*. London: Routledge.
- Simon, W. (1999). Sexual conduct in retrospective perspective. *Sexualities, 2*(1), 126-133.
- Simon, W., & Gagnon, J. H. (1986). Sexual scripts: Permanence and change. *Archives of Sexual Behavior, 15*, 97-120.
- Simon, W., & Gagnon, J. H. (1987). A sexual scripts approach. In J. H. Geer & W. T. O'Donohue (Eds.), *Theories of human sexuality* (pp. 363-383). New York: Plenum Press.



- Sprecher, S. (1998). Social exchange theories and sexuality. *The Journal of Sex Research*, 35, 32-43.
- Sue, D. (1979). Erotic fantasies of college students during coitus. *Journal of Sex Research*, 15, 299-305.
- Szasz, T. S. (1980). *Sex by prescription*. New York: Anchor Press.
- Vala, J. (2000). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia social* (4ª ed., pp. 457-502). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Weis, D. L. (1998). Conclusion: The state of sexual theory. *The Journal of Sex Research*, 35, 100-114.
- Wilson, G. D. (1978). *Secrets of sexual fantasy*. London: J. M. Dent.